

Aspectos do português algarvio na transição do século XIV para o XV

ESPERANÇA CARDEIRA

(Universidade de Lisboa)

MARIA ALICE FERNANDES

(Universidade do Algarve)

As actas das vereações de Loulé de 1384 a 1408 foram editadas e prefaciadas em 1984 por Humberto Baquero Moreno, com leitura paleográfica de Luís Miguel Duarte e João Alberto Machado. Não foram, contudo, objecto de estudo linguístico até hoje.

A época que abarcam - transição do século XIV para o XV -, por ser um período de mudança linguística, convidava à análise de, pelo menos, alguns dos aspectos considerados determinantes na configuração do português meridional quatrocentista. É o que com esta comunicação procurámos fazer, caracterizando algumas variações e evoluções fonético-fonológicas e morfológicas.

Para o efeito, procedemos ao confronto dos textos editados com os manuscritos e organizámo-los por décadas: 1384-1385, 1392-1396 e 1408, agrupando os textos de 1392 com os de 1394-1396, o que nos permitiu sistematizar o tratamento de cada um dos fenómenos em análise.¹

A. Aspectos fonético-fonológicos

1. Encontros vocálicos

1.1. Resolução dos hiatos

A conservação dos hiatos latinos e galego-portugueses, resultantes, respectivamente, da síncope de /d/ e /g/ e de /l/ e /n/ intervocálicos, é considerada uma das características fonético-fonológicas do português arcaico. No entanto, afirma-se também que a sua solução começa a verificar-se em alguns contextos já no século XIII e que estará concluída, salvo casos particulares, nos finais do século XV (TEYSSIER, 1982, 41).

Esta é assim, pela sua relevância na evolução do português arcaico, uma das mudanças que resolvemos verificar para este *corpus*. Não recolhemos, no entanto, todos os dados disponíveis. Em alguns casos tratámos apenas as formas cuja frequência nos textos pudesse registar a representatividade necessária para funcionar como exemplo dos hiatos e das principais soluções postas em prática para a sua supressão.

Crase

Uma dessas soluções foi a crase, ou seja, a contracção das duas vogais contíguas heterossilábicas numa só. Essa solução, segundo Williams (1986, §99) iniciada no fim do século XIII e consumada nos finais do XV, foi condicionada pelo grau de abertura das vogais e pela posição do acento, pois só se verificou nos casos em que as duas vogais tinham o mesmo timbre ou passaram a tê-lo – por assimilação da átona pela tónica, quando aquela era um ou dois graus mais aberta do que esta –, e ocorreu mais cedo entre vogais átonas do que nos casos em que uma delas era tónica.

Quando a vogal resultante era nasal e se encontrava em posição final, sofreu uma mudança fonética posterior: viu prolongada a sua duração, ditongando por admissão da semivogal homorgânica. Admitindo que essa mudança tenha ocorrido primeiramente em sílaba tónica e só depois nas átonas, Sampson presume que, no final do século XV, o ditongo já se realizaria em qualquer delas na língua comum (Cf. CASTRO, 1991, 244-5).

Para a ilustração destes fenómenos escolhemos as formas evolucionadas de *sēdēndum* (>sendo) e de *hōmīnes* (>homens) e *bēnēs* (>bens), cujos hiatos, resultantes, respectivamente, da síncope latina de /d/ e da galego-portuguesa de /n/ intervocálicos, exemplificam os contextos referidos: no primeiro caso, a vogal átona era um grau mais aberta do que a tónica e, nos restantes, as vogais em hiato eram do mesmo timbre. Por as vogais em hiato serem ambas átonas, a sua contracção ter-se-ia efectivado mais cedo em *homens* do que nas restantes formas e a vogal nasal final acabaria por evoluir tal como em *bens*, no ditongo [ēj], hoje centralizado em [āj].²

Mas vejamos o que a análise das alografias documentadas para estas formas nos revela.

O gerúndio do verbo *ser* apresenta nestes textos a forma gráfica *seendo* (27) em variação com *sendo* (28). Conforme se pode verificar no Quadro 1., se na década de 80 só ocorre uma única forma com crase das vogais em hiato para 25 com vogal dupla, a tendência na década seguinte é já para o aumento da representação de for-

Quadro 1. Distribuição cronológica de *seendo* e *sendo*

	seendo	sendo
1384-5	25	1
1392-6	2	6
1408	--	21
TOTAIS	27	28

mas craseadas. Essa tendência confirma-se em 1408, data em que se recolheram apenas estas últimas, num total de 21 ocorrências. No início do século XV, o hiato, pelo menos no que diz respeito a esta palavra, já estaria assim resolvido.

As formas registadas nos textos para a evolução de *hōmīnes* e *bēnēs* apresentam três terminações comuns: *-ees*, *-eens* e *-ens*.³

A terminação gráfica hiática e sem indicação da nasalidade é pouco usual nestas Actas, registando apenas 10 ocorrências. Com 20 ocorrências, a terminação com vogal dupla seguida de *n* prova, segundo Clarinda Maia (1986, 597), que o hiato se tinha começado a reduzir por crase das duas vogais, redução essa confirmada pela produtividade da solução craseada *-ens*, que regista 94 ocorrências correspondentes a 75,8% do total das formas. A sua distribuição cronológica para cada um dos vocábulos considerados é a seguinte:

Quadro 2. Distribuição cronológica das variantes gráficas de 'homens'

	homees	homeens	homens
1384-5	--	--	49
1392-6	1	4	31
1408	8	--	11
TOTAIS	9	4	91

Quadro 3. Distribuição cronológica das variantes gráficas de 'bens'

	bees	beens	bens
1384-5	--	13	1
1392-6	--	1	2
1408	1	2	--
TOTAIS	1	16	3

De acordo com o ilustrado pelos quantitativos e cronologia das respectivas ocorrências, o polimorfismo destas variantes não significa necessariamente uma flutuação fonética representativa da convivência de formas com e sem hiato. A opção única pela variante gráfica *homens* na década de 80, forma em que pela sua atonicidade o encontro vocálico se resolveu mais cedo, constitui a este respeito evidência inequívoca da eliminação do hiato. As formas com vogal dupla sem indicação de nasalidade que grafam esta mesma palavra, em maior número em 1408, podem não representar assim formas hiáticas, antes a hesitação própria da inexistência de uma norma gráfica. A mesma interpretação pode ser dada a *bees*, com uma única ocorrência em 1408. É pouco provável, aliás, que alternassem na fala estes dois tipos de fenómenos, quando nestes textos já se documenta a ditongação da vogal nasal final na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ter* nas grafias <teei> e <teeij>, num total de 5 ocorrências, todas de 1384-5. Não dispomos, no entanto, de evidência gráfica explícita dessa ditongação para *homens* e *bens*.

Ditongação

Para a verificação do processo de resolução do hiato por semivocalização da sua segunda vogal, recolhemos todas as ocorrências dos plurais das palavras em *-al*, formas estas em que o hiato tivera origem na síncope galego-portuguesa de *-l-* intervocálico da terminação *-ales*.

Quadro 4. Distribuição cronológica das terminações *-(a)aes* e *-(a)ais*.

	<i>-(a)aes</i>	<i>-(a)ais</i>
1384-5	--	16
1392-6	25	--
1408	78	3
TOTAIS	103	18

Também aqui a resolução do hiato parece já se ter processado; assim interpretamos a ocorrência única de formas em *-ais* na década de 80 e a geminação da primeira vogal registada tanto para aquela como para a terminação grafada com a vogal *e*. Segundo Clarinda Maia, o valor destas formas gráficas com vogal geminada – sem fundamento etimológico e frequentes em textos dos séculos XIV e XV – revela, de modo indirecto, que o hiato já tinha desaparecido da língua falada (MAIA, 1986, 592, 607).

A escolha de *e* para grafar a semivogal palatal nos decénios seguintes corresponde provavelmente à recuperação – ou mesmo à conservação – da grafia tradicional para a representação da nova forma deste encontro vocálico. Esta interpretação é reforçada pela representação do plural dos nomes em *-ane* e *-one*, que em 1384 e 1385 são sempre registados com *i* sob as formas *-ais* e *-oi(i)s*, enquanto nos textos posteriores a semivogal é sistematicamente representada por *e*.

Epêntese de semivogal palatal

Quadro 5. Representação cronológica de *eo/ea* e *eio/eia*

	<i>eo/ea</i>	<i>eio/eia</i>
1384-5	11	1
1392-6	1	--
1408	20	--
TOTAIS	32	1

As sequências *eo/ea* contam-se entre os casos particulares acima referidos, cronologicamente dos últimos em que o hiato se solucionou. A dissolução do hiato viria a dar-se por epêntese da glide palatal entre as duas vogais e deu origem aos tritongos <*eio, eia*>.

Segundo Paul Teyssier (1982, 45), as formas gráficas <*eio, eia*> são formas que aparecem esporadicamente desde o século XVI e que só vão predominar definitivamente na língua escrita no século XIX. Também Clarinda Maia, no seu

estudo sobre a história do galego-português, recolhe apenas um exemplo em que o hiato já está solucionado: – *çenteyo*, num documento galego de 1500. Considera a autora ser esta forma demonstrativa de que já ocorreria na região da Galiza a flutuação fonética entre as formas hiáticas e não hiáticas (MAIA, 1986, 595). Na versão trecentista dos *Diálogos de São Gregório* a grafia indicadora de resolução do hiato não se regista, ocorrendo ainda formas com til na primeira vogal hiática, testemunho da síncope de -n- intervocálico (SILVA, 1989, 83-4).

Num total de 32 ocorrências da mesma palavra distribuídas pelas 3 décadas, encontramos todavia neste *corpus* já em 1384-5 a forma <alheio> com representação da semivogal epentética. A sua ocorrência única sugere que estas formas continuam a alternar com formas hiáticas. Também a forma *pea*, registada na mesma data, se apresenta em variação com *pena*, abonada em 1395, embora este hiato se resolva por retorno à forma latina.

Epêntese de consoante nasal palatal

Nestes textos já não ocorrem as terminações <-io / -ia>, mas sempre <-inho / -inha>. Em 1408 observa-se, contudo, 1 ocorrência da forma <camyo> em variação com 9 de <caminhos>. Esta forma, entrelinhada no texto, deve representar uma escrita descuidada, dado que a solução do hiato por epêntese de consoante nasal palatal é um fenómeno que se iniciou, segundo Cintra, ainda nos finais do século XIII (1959, 275 e ss.).

Concluindo: O conjunto diverso das formas não hiáticas que se registam nestas *Actas* permitem, pelo seu confronto com os dados conhecidos para outros *corpora*, sugerir que na transição do século XIV para o XV, no português de Loulé, a sua eliminação já estivesse em fase de conclusão. Salvaguarda-se, no entanto, a solução com inserção da glide palatal entre as vogais em hiato, mas é possível, dado o recuo de dois decénios registado para a abonação de <alheio>, que esta mudança tivesse sido mais precoce neste espaço dialectal do que em outros do português e mesmo do galego. É nos textos de 1384 e 1385, aliás, que se documentam as inovações gráficas representativas dos fenómenos em análise.

2. Variação *ou* ~ *oi*

No português actual o ditongo *ou*, proveniente de AU primário ou secundário, alterna com *oi*, procedente da vocalização de K ou L nos grupos latinos -KT- ou -LT-. O galego conhece também, dialectalmente, esta alternância, assim como alguns falares astur-leoneses (MAIA, 1986, 560-2).

Os exemplos de convivência dos dois ditongos são precoces – surgem ainda no século XIII em documentos galego-portugueses – e vão-se tornando mais frequentes na transição do século XIV para o XV (MAIA, 1986, 563-7).

Num dos seus estudos sobre dialectologia portuguesa, Lindley Cintra, após comentar as teorias de diversos autores sobre a origem desta alternância⁴, admite que o ponto de partida da passagem de *ou* a *oi* possa residir na irradiação de alguns casos particulares (em especial aqueles em que a terminação -

ouro < -AURU se confundiu com *-(d)oiro* < -TORIU) a palavras em que *ou* tinha outras origens. Mas considera como factor decisivo na expansão de *oi* a “tendência a evitar a fusão dos elementos do ditongo” (Cintra 1983, 49-52). Quer isto dizer que a expansão da variante *oi* se teria processado mais facilmente em regiões em que, paralelamente, existisse uma tendência à monotongação.

Se, como supõe Cintra (1983, 48), o foco da monotongação de [ow] > [o], originariamente meridional, se expande em direcção ao norte a partir dos séculos XIII-XIV e se a irradiação da variante *oi* está intimamente relacionada com a tendência para a monotongação, então esperar-se-ia encontrar em documentos do sul de Portugal, na transição do século XIV para o XV, uma frequência de ocorrências de *oi* que fosse directamente proporcional ao aumento esperado da corrente monotongadora. Isto é, esperávamos encontrar, nestas *Actas das Vereações de Loulé*, abundantes casos em que a oscilação gráfica revelasse a progressiva substituição de [ow] por [oj]. Aliás, em documentos algarvios da mesma época, publicados por Alberto Iria (1956) surgem exemplos comprovativos da alternância entre *ou* e *oi*.

No entanto, no *corpus* que analisámos a variação aparece limitada a apenas duas palavras: *noute* ~ *noite* e *dous* ~ *dois*. A variante *dois* ocorre apenas uma vez, em 1385, frente a um total de 16 ocorrências de *dous*, distribuídas pelas actas de 1384 a 1408. É, portanto, rara, apesar de ser precisamente uma das variantes que Alberto Iria regista em documentos de 1332 e 1392 (IRIA, 1956, 417 e 428). Também nestes documentos se verifica a oscilação entre *coisa* e *cousa*, oscilação que não registámos nas *Actas*, apesar de este ser um vocábulo que surge com relativa frequência (22 ocorrências, sempre com o ditongo *ou*).

Já em relação à variação *noute* ~ *noite*, num total de 10 ocorrências, todas de 1408, a variante com o ditongo *ou* surge apenas uma vez. Por outro lado, e apenas para citar mais um exemplo, também nas três ocorrências do vocábulo *coiro* (1 em 1384 e 2 em 1408) o ditongo *oi* é sempre conservado.

Dito de outro modo: neste texto a tendência parece ser a conservação dos ditongos *ou* e *oi*, primários ou secundários, resumindo-se a oscilação à alternância *noite* ~ *noute*, resultante de diferente vocalização de -K- no grupo -KT-, e a *dous* ~ *dois*. Ora, sendo *noite* a forma mais frequente nos finais do século XIV, restam-nos, como indício de variação, apenas duas formas, *dois*, em 1385, e *noute*, em 1408. Esta magreza de resultados sugere que a expansão deste fenómeno terá sido, pelo menos na documentação escrita, um processo acentuadamente lento.

3. O ditongo decrescente *ei*

Uma questão que se prende com a anterior é, como já referimos, a da monotongação dos ditongos decrescentes [ow] e [ej]. Da monotongação de *ou*, bastante complexa nestas *Actas*, trataremos futuramente. De momento, faremos apenas alguns comentários à monotongação de *ei*.

Sabe-se que este ditongo se reduziu, sem que essa redução tenha sido admitida na língua comum, no Sul de Portugal⁵, tendo sido a partir deste foco meridional que se expandiu o fenómeno sem, no entanto, chegar a abranger uma

área tão vasta como a monotongação de *ou*. Sabemos, ainda, que a redução de *ei* era um facto consumado no português setecentista (CASTRO, 1991, 259; TEYSSIER, 1982, 64). Mas, a rigor, não sabemos quando surgiu o foco de monotongação.

Alberto Iria (1956, 427 e 438) regista dois exemplos desta redução em documentos algarvios, um de 1391 e o outro de 1412. Estes são os exemplos mais antigos que conhecemos⁶.

Pois bem: o texto das *Actas das Vereações de Loulé* permite-nos antecipar a datação dos primeiros exemplos de monotongação de *ei*. São quatro os casos que recolhemos, com apenas uma ocorrência cada: *quarta fera* em 1385, *pexoteiro* em 1394, *tendo colheto* e *figeras* em 1408.

A forma *pexoteiro* pode ser associada a exemplos, mais ou menos singulares, de monotongações bastante antigas. Basta lembrar a oscilação *lexar* ~ *lecxas* presente na *Notícia de Torto*, ou *beigio* ~ *beio*, no *Testamento de Afonso II*. Esta alternância pode ser interpretada como uma monotongação condicionada pela palatal seguinte ou como um mero recurso gráfico (CASTRO, 1991, 211 e 223)⁷. Se aceitarmos a hipótese da monotongação, então teremos de admitir que *pexoteiro* possa continuar uma tendência já antiga do português arcaico, no sentido da redução do ditongo condicionada pelo contexto consonântico.

Mas os outros casos de monotongação registados nas *Actas* não oferecem dúvidas. Aqui, o ditongo resulta quer de metátese (FERIA- > feira, FICARIA- > figaira > figueira), quer da vocalização de -K- no grupo latino -KT- (COLLECTU- > colheito).

A forma *fera* (*quarta fera*) surge isolada; as variantes monotongadas *colheto* e *figeras* alternam, como seria de esperar, com formas em que o ditongo é conservado (*colheto* (1) ~ *colheito/a/s* (5), *figeras* (1) ~ *figeira/s* (10), em 1408).

Podemos, pois, concluir que a partir de 1385 a monotongação de *ei* está já presente no português algarvio e que, embora o seu registo na documentação escrita seja esporádico nos finais de trezentos, parece tender a aumentar no início do século XV.

4. Variação entre <c> ~ <s>, <s> ~ <z>

O sistema consonântico primitivo do galego-português dispunha de quatro sibilantes, duas africadas predorsodentais e duas fricativas ápicoalveolares. Os grafemas usados para representar estes fonemas são coerentes: <c>, <ç> e <z> representam as africadas, enquanto <s> e <ss> estão reservados para as fricativas.

Segundo Teyssier (1982, 50-1), "em fins do século XVI o português comum reduziu a dois os quatro fonemas, e essa redução fez-se em favor das predorsodentais". Mas essa redução, que é, aliás, característica apenas do português comum, implica uma fase intermédia: da perda do elemento oclusivo das africadas resulta, ainda, uma oposição entre dois pares de fricativas, um de predorsodentais e outro de ápicoalveolares. Nesta etapa intermédia, a sistematicidade de grafias continua a documentar a oposição entre as duas séries, e é só quando surgem as primeiras variações gráficas que podemos

inferir que o processo de mudança estava em curso. Ora, essas primeiras confusões registam-se precisamente em documentos meridionais, de Lisboa e do Algarve⁸, o que levou Lindley Cintra a admitir que a simplificação do sistema de sibilantes já se verificava nessa região na segunda metade do século XIII (Cintra 1963, 75). Comparando esses dados com as descrições dos gramáticos do século XVI, Teyssier conclui ser esta simplificação uma tendência de origem meridional que se generalizou no século XVI na língua padrão (TEYSSIER, 1982, 52).

Não será, pois, de estranhar que as *Actas de Loulé* apresentem exemplos de confusão gráfica que sugiram a redução das sibilantes. Esta confusão ocorre, de facto, nos vocábulos *cinquo* ~ *sinquo*, *necesidade* ~ *nececidade* e *geraes* ~ *geraez*. No primeiro caso encontramos, frente a 19 ocorrências de *cinquo* (ou *ciinquo* ~ *cynquo* ~ *cinço*, *cinquenta* ~ *cynquoenta*) entre 1384 e 1408, uma ocorrência de *sinquo*, em 1385. É apenas uma ocorrência, mas vem reafirmar a referência de Cintra a uma forma *synqy*, registada em documento de Chelas de 1296 (CINTRA, 1963, 73-4).

No segundo caso, à grafia etimológica *necesidade*, com uma ocorrência em 1408, correspondem em 1385 *nececidade* e em 1384 *neseçarias*, com uma ocorrência cada⁹. A acrescentar a este par registámos, ainda, um vocábulo que, apesar de isolado, apresenta o mesmo tipo de confusão gráfica: trata-se do nome de profissão *lousseiro* (= louceiro), que ocorre em 1408, com a grafia sem correspondência etimológica <ss>.

Estamos perante casos de instabilidade gráfica que permitem já inferir da indistinção entre predorsodental e ápicoalveolar surdas em 1384, quer no contexto inicial, quer no medial. Em início de palavra encontramos a grafia que deveria estar reservada para a ápicoalveolar a representar uma predorsodental etimológica e em contexto medial surge uma perfeita alternância entre as duas grafias: onde deveria estar <s> está <c> e vice-versa.

Quanto à variação em contexto final, <s> é o grafema que representa regularmente o plural, regularidade que só é quebrada pela ocorrência de uma forma *geraez*, em 1408 (note-se que nas outras ocorrências, num total de 7 distribuídas pelo *corpus*, o mesmo vocábulo faz sempre o plural em <-s>).

A substituição de <s> final por <z> foi já notada por Cintra, mas apenas num vocábulo, *mez*, em documentos de Sintra e Loulé da segunda metade do século XIII (CINTRA, 1963, 73-4). Mattos e Silva (1989, 93) regista-a, também, no adjectivo *simples* (2 ocorrências de <-s>, 10 de <-z> e 1 de <-x>, em meados do século XIV). E Clarinda Maia (1986, 461) encontra ainda esta alografia entre <s>, <z> e <x> finais em documentos portugueses dos séculos XIII e XIV, interpretando-a não só como o desaparecimento da oposição entre predorsal e apical em posição implosiva, mas até como uma indicação de que a sibilante final poderia já ter uma realização palatal¹⁰.

O *corpus* que analisámos não nos permite adiantar nada em relação à possibilidade de articulação palatal implosiva; permite-nos, sim, acrescentar à indistinção de sibilantes surdas nos contextos inicial e medial, a mesma indistinção em final de palavra.

B. Aspectos morfológicos

1. Possessivos

O sistema de possessivos, que nestes textos apresenta particularidades não usuais em textos de outras procedências dialectais no espaço linguístico galego-português, foi o aspecto morfológico por nós seleccionado nesta análise.

As actas das vereações de Loulé não registam, em virtude da modalidade diafásica que configuram, a flexão dos possessivos em todas as pessoas. Excluindo as formas de 1ª pessoa *meu* e *nosso*, respectivamente com 2 e 8 ocorrências e presentes exclusivamente nas expressões «meu sinal» e «El-Rey nosso Senhor», apenas se verificam os possessivos de 3ª pessoa.

O quadro seguinte resume as formas por eles assumidas:

Quadro 6. Paradigma dos possessivos de 3ª pessoa

Género	Um só possuidor		Vários possuidores	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Fem.	sa (5) - saa (4)		sa (1)	sas (5)
	sua (12)	suas (5)		suas (14)
Masc.	seu (53)	seus (1) - seos (1)	seu (10)	seus (5) - seos (2)
		sos (4)		sos (10)

Este quadro revela-nos a existência de duas séries distintas de formas em qualquer dos géneros: no feminino, com os alomorfes *sua* (12) ~ *sa* (10) para o singular e *suas* (19) ~ *sas* (5) para o plural; esta simetria, quebrada no masculino singular, que apresenta como forma única *seu* (63), é recuperada no masculino plural com a forma *seus* (9) em variação com *sos* (14). *Saa* e *seos* são meras variantes gráficas, respectivamente, de *sa* e *seus* (Cf. NUNES, 1975, 242).

1.1. Possessivos femininos de 3ª pessoa

As formas do feminino *sua* e *suas* provêm do acusativo latino *sūam*, *sūas*, de que resultam também as formas reduzidas *sa* e *sas*. A redução destas últimas decorre do seu uso proclítico ainda no latim vulgar: são as chamadas formas átonas (ou conjuntas) que se opõem às tónicas (ou absolutas) *sua* e *suas*; a distinção entre umas e outras baseia-se na sua distribuição no sintagma nominal: as átonas são antepostas e as tónicas pospostas ao nome, podendo ainda ocorrer em função substantiva.

É este o sistema de possessivos femininos de 3ª pessoa do antigo galego-português, ainda que – diz-nos José Joaquim Nunes – a distinção entre as duas espécies de formas não fosse sempre observada, pois as tónicas eram por vezes usadas em posição proclítica. Essa distinção, que, segundo o mesmo autor, persistiu no português até o século XV, viria a perder-se em favor das tónicas (NUNES, 1975, 242-4).

A cronologia do processo de substituição das átonas pelas tónicas pode ser reconstituída através dos estudos filológicos sobre o galego e o português medievais a seguir referidos:

No século XIII, de acordo com Lindley Cintra (1959, 414), as átonas eram ainda de uso corrente nos textos galego-portugueses. Azevedo Ferreira (1987, 393) confirma essa situação no *Foro Real*, de finais do mesmo século, que documenta apenas 11 ocorrências de *sua(s)* em função adjectiva contra 305 para *sa(s)* e *ssa(s)*.

Os textos galegos e portugueses estudados por Clarinda Maia revelam também a existência de formas átonas durante o século XIII e ainda nos inícios do XIV; «contudo, – esclarece a autora –, já desde essa época as formas tónicas têm tendência para substituir as átonas, começando a surgir em qualquer contexto» (MAIA, 1986, 679).

Em meados do século XIV, as átonas ainda predominam quase em absoluto: Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989, 174-5) recolhe, nos *Diálogos de S. Gregório*, 224 ocorrências de *sa* e 37 de *sas* para 4 de *sua*, que não ocorre no plural, e não regista confusões na distribuição destas formas.

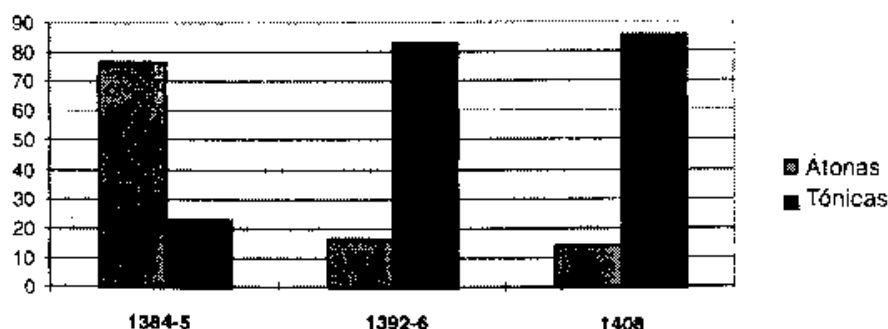
Em 1416 já aparecem, na versão C dos mesmos *Diálogos*, 146 ocorrências de *sua* por *sa*, o que representa 56,6 % do total dos possessivos femininos de 3ª pessoa. A tendência de substituição das átonas pelas tónicas mantém-se estável na década de 30: no *Leal Conselheiro*, de cerca de 1433, a frequência de *sa* continua a ser semelhante à de *sua*. Na *Imitação de Cristo*, datada de 1468, já só ocorrem, contudo, formas tónicas (Cf. SILVA, 1989, 176).

Em que medida se enquadram os dados recolhidos nas *Actas das Vereações de Loulé* no panorama assim desenhado?

A anteposição é, neste como nos outros *corpora* mencionados, a distribuição mais produtiva: das suas 46 formas de possessivos femininos de 3ª pessoa apenas se registam duas pospostas, nas expressões pleonásticas «as despesas suas delles» (1385) e «as dictas casas suas» (1408), e uma única, no caso átona, em função substantiva na expressão «as dê todas cada hũa saa» (1408). Das restantes 43, todas antepostas ao nome, 29 são tónicas e 14 átonas, o que evidencia um claro predomínio das tónicas (com 67,4 % de ocorrências para 32,6 % de átonas, ou seja, mais de 1/3 do total das formas). Esta evidência é reforçada pelo uso da átona em função substantiva, na construção acima referida, em 1408.

O gráfico seguinte, em que apresentamos a distribuição das átonas e tónicas por décadas, revela-nos, entretanto, como esse predomínio se veio a verificar:

Distribuição percentual das formas átonas e tónicas do possessivo feminino de 3ª pessoa, por décadas.



Em 1384-1385 são ainda as átonas *sa* e *sas* as formas mais produtivas, com 76,9 % de ocorrências contra 23,1 % para as tónicas. Esta situação inverte-se na década seguinte – repare-se que as tónicas atingem então 83,3 %, uma percentagem superior à documentada para as átonas na década de 80, que apresentam agora apenas 16,7 % de ocorrências. Essa percentagem diminui para 14,3 % em 1408, com o aumento correspondente das tónicas para 85,7%.

Os dados analisados manifestam claramente a tendência para o desaparecimento das antigas formas galego-portuguesas *sa* e *sas* no português de Loulé já na última década de trezentos. Essa tendência é confirmada pelo declínio progressivo do seu uso no início do século seguinte.

Comparativamente ao evidenciado pela versão C dos *Diálogos de São Gregório* e pelo *Leal Conselheiro*, que registam um certo equilíbrio entre o número de ocorrências das formas átonas e tónicas ainda em 1416 e 1433, estas *Actas* revelam que, no português algarvio, o processo de substituição de umas por outras se deve ter concluído com uma certa anterioridade relativamente a outros espaços dialectais, talvez mesmo até sociolectais, do português arcaico. Provavelmente ainda antes de 1468, altura em que as formas *sa* e *sas* já não ocorrem na *Imitação de Cristo*.

Curiosamente, esse processo inicia-se aqui pela substituição das formas átonas plurais. Se excluirmos os casos em que não se registam nem formas átonas nem tónicas, verificamos que na década de 80 não ocorrem átonas plurais para o sistema de um só possuidor, na de 90 o mesmo é verdade para o sistema de vários possuidores e, em 1408, não se registam nem umas nem outras; é verdade também, conforme o demonstra o quadro abaixo, que em 1392-96 não ocorre igualmente nenhuma forma tónica singular de vários possuidores. Não deixa, todavia, de ser uma coincidência singular a observada para as átonas plurais; e se o quantitativo dos dados e a restrição do seu tratamento a este *corpus* não nos permitem concluir da generalidade deste processo de mudança, fica a observação, que poderá vir a ser objecto de posteriores análises.

Quadro 7. Distribuição das formas dos possessivos femininos de 3ª pessoa por décadas e por um e vários possuidores.

Décadas	Um só possuidor		Vários possuidores	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1384-5	sa(a) (5)	-----		sas (5)
	sua (1)	suas (1)		suas (1)
1392-6	saa (1)		sa (1)	-----
	sua (2)		-----	suas (8)
1408	sa(a) (3)	-----		-----
	sua (9)	suas (4)		suas (5)

1.2. Possessivos masculinos de 3ª pessoa

O antigo galego-português conheceu, também para o masculino, duas séries distintas de possessivos de 3ª pessoa com origem no latim vulgar: a etimológica *sou, sous* proveniente do acusativo latino *suum, suos* e a analógica *seu, seus*, formada com base na da 1ª pessoa do singular *meu* (< *mëum*) (NUNES, 1975, 242-3).

As formas *sou, sous* sobrevivem apenas no norte do domínio linguístico português e nalgumas variedades do asturiano ocidental, entre as quais se inclui o mirandês. Conservam-se igualmente no asturiano centro-oriental, mas com redução do ditongo. (CINTRA, 1959, 408; CANO, 1995, 28).

Já no século XIII eram estas formas de uso corrente em documentos leoneses, pouco frequentes em galegos e raras nos portugueses. Nunes (1975, 242, n.3) regista a forma *sou* no *Cancioneiro da Ajuda* e na *Crónica Troiana* galega, do século XIV, e interpreta-a, devido à sua abonação tardia nesta última, como característica da língua galega. Também Clarinda Maia (1986, 676-7) encontra *sou* e *sous* apenas em documentos galegos de meados do século XIII e Lindley Cintra (1959, 400-1) recolhe-as, e às suas variantes reduzidas *so, sos*, nos *Foros de Castelo Rodrigo*. Mas o resultado monotongado destas formas, esporádico nos *Foros de Castelo Rodrigo*, é, na opinião de Cintra, apesar de frequente no leonês e no castelhano do mesmo século, estranho ao galego-português (*Idem*, 408-9). Como explicar então a ocorrência de *sos* no português de Loulé nos finais do século XIV e início do XV?

Uma hipótese é a de que a forma etimológica pudesse ter existido no dialecto neolatino local. As informações de que dispomos relativamente ao sistema de possessivos nos romances moçárabes não contemplam, todavia, a 3ª pessoa do singular. As jarchas apenas documentam os possessivos *meu, ma* e *tu*, este último como forma única da 2ª pessoa do singular para ambos os géneros (SANCHIS GUARNER, 1960, § 83). As formas *tu(s)* e *su(s)*, provenientes da redução das tónicas femininas *tua(s)* e *sua(s)*, são os possessivos femininos de 3ª pessoa predominantes no leonês e no castelhano do século XIII. No entanto, data já desse século a gradual extensão do seu emprego ao masculino, em substituição de *to(s)* e *so(s)*, em ambos os romances (Cf. CINTRA, 1959, § 26g). Teria o uso de *tu* em ambos os géneros no moçárabe resultado de idêntica substituição? Predominaria, nesse caso, ainda ao tempo da reconquista a forma *so(s)* no dialecto neolatino local? São perguntas para as quais não temos respostas.

Uma outra explicação - esta mais fundamentada - para o uso da variante etimológica em Loulé no início de quinhentos, reside nas afinidades que os dialectos algarvios ainda hoje apresentam com os dialectos minhotos e particularmente com os galegos e que remontam à colonização do território após a reconquista. (Cf. Clarinda Maia 1975, 17, 53-5, 125, 128-131, 132-3 e 1981, 93, n. 2, 3, 4). Não pomos de parte a hipótese de a solução monotongada ter também ela sido trazida para o Algarve por colonos leoneses e castelhanos. É possível, no entanto, que o uso desta variante no português do sul tenha sido reforçado por uma tendência geral para a monotongação verificada já no

século XIV. Mas só uma análise alargada a outros textos medievais permitirá reconstituir a história destes possessivos no português do sul. Hoje são as variantes monotongadas da série analógica as de uso corrente nos falares meridionais.

NOTAS

- ¹ As actas manuscritas conservam-se no Arquivo Histórico Municipal de Loulé sob as cotas CMLLE/B/A/001/Lv001 (1384-1385), CMLLE/B/A/001/Lv002 (1392), CMLLE/B/A/001/Lv003 (1394-1396) e CMLLE/B/A/001/Lv006 (1408). As de 1408 figuram na edição com a data de 1378, datação posteriormente corrigida por Luís Miguel Duarte (Cf Documentação medieval e moderna recentemente incorporada no Arquivo Histórico Municipal de Loulé. *Al-Ulyã. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 3, 1994, 229).
- ² A centralização do ditongo é já uma inovação fonética do século XIX, com origem em Lisboa.
- ³ Para homens ocorre ainda a terminação <-es>, na forma *homes*, que regista 2 ocorrências em 1384-5, 5 em 1392-6 e 2 em 1408. Esta forma representa, segundo Clarinda Maia (1986, 639-640), o resultado de uma solução divergente da terminação latina -*mines*, comum no leonês ocidental, mas que o antigo galego-português também conheceu. Trata-se da evolução com perda da vogal postónica e consequente assimilação das duas consoantes postas em contacto, que acabaram por se reduzir: -*m'nes* > -*mmes* > -*mes*. Assim parece justificar-se que na década de 1384-5 ocorram, a par dos 2 únicos casos já referidos de *homes*, 49 de *homens* com crase das vogais em hiato. É pouco provável que, nesta relação, *homes* represente a desnasalização de *homens*.
- ⁴ Williams (1986, §92,7C) supõe que a origem da oscilação *ou* ~ *oi* possa residir na diferente vocalização de -K-, no grupo -OKT-, em [j] em certas regiões e noutras em [w]. Mas já para Moffat (1948, 170) esta alternância terá nascido da confusão das terminações -*doiro* <-TORIU e -*ouro* <-AURU. Por outro lado, Leite de Vasconcellos (1934, 288) e Bourciez (1946, §332b) falam de um efeito dissimilatório que teria originado uma evolução [ow] > [oj] em certos casos.
- ⁵ O surgimento da corrente de monotongação precisamente na região moçárabe, cujo romance conservava os ditongos, explica-o Cintra (1983, 48) pela importância da mistura de populações nesta zona de colonização, facto que a teria tornado propícia à aceitação de inovações. Por outro lado, Galmés de Fuentes (1983, 77-9 e 226) encontra já nos dialectos moçárabes de Toledo e Granada a possibilidade de redução de *ai* a *e*.
- ⁶ Clarinda Maia (1986, 531, 539 e 543) encontra exemplos de redução do ditongo em documentos galegos, sendo os mais antigos de 1258, mas interpreta-os como castelhanismos. Também Azevedo Ferreira (1987, 326) apresenta, sem as comentar, as formas do *Foro Real lexar* ~ *leyxar*, *primero* ~ *primeyro* e *tercer* ~ *terceyro*. Em qualquer dos exemplos não é seguro que se trate, com propriedade, de casos de monotongação. No primeiro, o ditongo seria o resultado da evolução normal do étimo, mas a verdade é que já na *Notícia de Torto* a palavra surge com a mesma grafia. Já os restantes dois casos podem ser, parece-nos, interpretados como resultantes da utilização de abreviaturas.
- ⁷ Em *beio*, o grafema <i> pode representar, cumulativamente, a semivogal do ditongo e a fricativa palatal; em *lexar* essa semivogal pode não estar representada o que, a avaliar por alternâncias como *mando* ~ *mãdoc*, não significa que o ditongo não exista (Castro 1991, 238).
- ⁸ Também em documentos galegos encontra Clarinda Maia alguns exemplos de confusões gráficas que a levam a concluir que as africadas predorsais estariam já a transformar-se em fricativas desde o século XIII. A Galiza constituiria, assim, tal como o sul de Portugal e a Andaluzia, um dos focos de confusão de sibilantes que teriam surgido, independentemente, por toda a Península (Maia 1986, 446-9).
- ⁹ Se a confusão gráfica registada nestas *Actas* se referisse apenas a *necesidade* ~ *neseçarias*, não poderíamos afastar a hipótese de que se tratasse de um caso de metátese gráfica, mas a ocorrência da variante *neccidade*, apoiada pelos outros casos que apresentamos, parece-nos suficiente para fundamentar o processo de mudança.

- ¹⁰Também José Joaquim Nunes (1928, 364-5), com base no estudo das rimas das cantigas de amigo, interpreta estas alografias como identidade de pronúncia e adianta a hipótese de que o som a que correspondiam fosse já de tipo palatal.

BIBLIOGRAFIA

- ΔCV - *Actas das Vereações de Loulé*. Edição preparada e prefaciada por Humberto Baquero Moreno. *Leitura paleográfica*, transcrição e índices de Luís Miguel Duarte e João Alberto Machado. Porto: Edição da Câmara Municipal de Loulé -1984.
- BOURCIEZ, Edouard (1910). *Éléments de Linguistique Romane* (4ª ed., 1946). Paris: Klincksieck.
- CANO, Ana María (1995). "Evolución lingüística interna del Asturiano", *La Llingua Asturiana*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana, 21-40.
- CASTRO, Ivo (1991). *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1959). *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos.
- (1963). "Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIIIe siècle", *Revue de Linguistique Romane*, XXVII, 59-77.
- (1983). *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- FERREIRA, José de Azevedo (1987). *Afonso X. Foro Real. Edição e estudo linguístico*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- FUENTES, Álvaro Galmés de (1983). *Dialectología mozárabe*. Madrid: Gredos.
- IRIA, Alberto (1956). *Descobrimentos Portugueses. O Algarve e os Descobrimentos*. vol.II, tomo II. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1975). "Os falares do Algarve (Inovação e Conservação)", *Revista Portuguesa de Filologia*, XVII, 37-205.
- (1981). "Geografia dialectal e história do português. Resultados da terminação latina -ANA", *Bíblis*, 57, 73-96.
- (1986). *História do Galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MOFFAT, Lucius Gaston (1948). "Considerations on the interchange of -ou-, -oi-, in Portuguese", *Mediaeval Studies in Honor of J.D.M.Ford*. Harvard: University Press.
- NUNES, José Joaquim (1919). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia* (8ª ed., 1975). Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- (1928). *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. vol.I. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- SANCHIS GUARNER, Manuel (1960). "El mozárabe peninsular". *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, vol. I. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 293-342.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (1989). *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TEYSSIER, Paul (1980). *Histoire de la langue portugaise*. Trad. port. de Celso Cunha (1982). *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1934). "Ementas Gramaticais (Para a História da Língua Portuguesa)", *Revista Lusitana*, XXXII, 275-293.
- WILLIAMS, Edwin B. (1938). *From Latin to Portuguese (historical phonology and morphology of the Portuguese language)*. Trad. port. de António Houaiss. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. (4ªed., 1986). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.